

Ano XXIV nº 6440 – 13 de outubro de 2021

Ossos e restos de peixe sendo disputados pelo povo escancaram miséria no país

As cenas revoltantes de famílias brasileiras disputando restos de alimentos que, no passado recente, eram doados para cachorros, como ossos de carne bovina, ou comprando restos de peixe, correram o mundo e expuseram um governo que não conseguiu sequer manter a exitosa política de erradicação da pobreza extrema implementada pelo ex-presidente Lula.

Mostraram também a ganância e desumanidade de parte do empresariado brasileiro que, de olho na demanda que cresceu por causa da miséria, resolveu explorar o povo. Um supermercado de Belém, no Pará, está vendendo restos de peixe (vísceras, espinhas e cabeças) a R\$ 3,90 o quilo. Em Florianópolis, ao invés de doar ossos, como ocorre no Rio de Janeiro e em Cuiabá, um açougue começou a vender. Denunciado nas redes sociais e pressionado pelo Procon acabou voltando atrás.

No Distrito Federal, o presidente Jair Bolsonaro (ex-PSL) ignora o drama do povo mais pobre do país, jamais fala da fome. Enquanto a maioria da população vê seu poder de compra se esvaír com a disparada da inflação, se endivida, sofre com o desemprego e os baixos salários, o governo continua adotando medidas que prejudicam ainda mais o orçamento das famílias.

Entre elas, permitir os sucessivos aumentos de combustíveis, aumentar os preços da conta de luz e acabar com os estoques públicos de alimentos - em uma década, esses estoques tiveram uma redução de 96% na média anual. Com isso, os preços dos produtos ficam à mercê da oferta e da procura do mercado e da oscilação no valor do dólar, sem interferência do Estado. É a tal política do Estado mínimo defendida pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, que nada sabe sobre as necessidades do povo mais pobre do país e da classe trabalhadora.

Com exceção à elite brasileira e figuras como Guedes, que a cada dia que o dólar aumenta, engorda um pouco mais suas contas em paraísos fiscais, a situação não está fácil para ninguém. O povo brasileiro, que não tem dinheiro em offshores, nem dinheiro em lugar nenhum, amarga um sofrimento não visto nem nos piores momentos de recessão do país.

E dados do Cadastro Único do próprio governo federal revelam que dois milhões de famílias passaram à condição de extrema pobreza durante o governo Bolsonaro. Atualmente são 14,7 milhões de pessoas que não tem o comer.

Corte de 90% das verbas da ciência representa o fim da pesquisa no Brasil

A pandemia da Covid-19 mostrou ao mundo a importância da pesquisa científica. O Brasil teria tudo para produzir suas próprias vacinas que já foram criadas por universidades brasileiras, mas o presidente, Jair Bolsonaro impediu. Países infinitamente mais pobres, como Cuba, já produziram suas próprias vacinas para imunizar a população.

No campo econômico, não há como haver desenvolvimento sustentável sem o domínio do conhecimento. Esta realidade é compreendida por governos do mundo inteiro. Não para o presidente da nação brasileira. Nosso governo anunciou, através do Ministério da Economia, um corte de 90% (R\$600 milhões) nas verbas para a ciência. Por mais maluco que possa parecer, o governo alega que “precisa de dinheiro para garantir carros pipas para a região do nordeste” em função da crise hídrica.

Num país que não falta verba para parlamentares apoiarem o governo no Congresso Nacional e não votar o impeachment de Bolsonaro e o Ministério do Meio Ambiente anistia multas de crimes ambientais, certamente não é falta de dinheiro.

O próprio ministro da Ciência e Tecnologia, Marcos Pontes, criticou o corte em seu Twitter: “Falta de consideração. Os cortes de recursos sobre o pequeno orçamento de Ciência do Brasil são equivocados e ilógicos. Ainda mais quando são feitos sem ouvir a Comunidade Científica e Setor Produtivo. Isso precisa ser corrigido urgentemente”, desabafou. A declaração fez o ministro levar uma bronca do chefe, o presidente Bolsonaro, que não aceita críticas nem de aliados.

